

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

Ano XVI

JULHO - SETEMBRO DE 1954

N.º 3

NOTAS SÔBRE A EVOLUÇÃO DA OCUPAÇÃO HUMANA NA BAIXADA FLUMINENSE*

PEDRO PINCHAS GEIGER
RUTH LYRA SANTOS

O presente trabalho visa a apresentar observações sôbre determinados aspectos da formação das paisagens atuais da Baixada Fluminense.

I. *A Baixada Fluminense como Base da Indústria Açucareira*

A ocupação da Baixada Fluminense data do primeiro século da colonização portuguesa no Brasil. Esta região se integrou no Mundo Português na fase inicial do desenvolvimento açucareiro na franja costeira atlântica.

A baía de Guanabara emprestava excepcional importância a um trecho do litoral brasileiro; sua existência muito ao sul da baía de Todos os Santos representava um amplo e vantajoso abrigo para a localização de um pôrto em seguida ao de Salvador.

No que diz respeito à topografia, existem certas semelhanças entre a zona da Guanabara e a zona de Salvador: em ambas existem, ao lado dos blocos cristalinos elevados, superfícies de suaves ondulações e planícies nas quais se estabeleceram as lavouras de cana.

A indústria açucareira foi a principal atividade econômica da Baixada Fluminense nas primeiras fases da sua história, desenvolvendo-se inicialmente, nas áreas em torno da baía de Guanabara. Até o século XVIII, a zona da Guanabara era a produtora mais importante. Os ocupantes da terra preferiram as planícies e terrenos de relevo suave, deixando de lado as áreas mais acidentadas. As várzeas, as aluviões dos vales eram terras propícias às plantações de cana-de-açúcar e a topografia plana facilitava a instalação das grandes propriedades açucareiras.

As fazendas de engenho eram auto-suficientes na sua subsistência¹ dispondo de áreas onde se criava o gado para a alimentação e para a tração e áreas com lavouras de gêneros alimentícios. Das matas tropicais que cobriam a região se extraía madeira para as construções e combustíveis vegetais; a "tabatinga"

* Tese aprovada pelo I Congresso Brasileiro de Geógrafos, reunido em Ribeirão Preto em julho de 1954.

¹ CAIO PRADO JÚNIOR — "Formação do Brasil Contemporâneo".

das grandes planícies, situada na superfície ou a pouca profundidade, e as outras argilas dos vales eram utilizadas para o fabrico de telhas e tijolos.

O aproveitamento dos grandes rios para o transporte fácil e barato da produção favorecia o desenvolvimento econômico da região; as mercadorias desciam os rios para a baía de Guanabara em direção ao pôrto do Rio de Janeiro, surgindo pequenas localidades, portos de embarque à margem dos cursos d'água, como por exemplo Pôrto das Caixas (hoje vila decadente do município de Itaboraí).

O problema do acúmulo de águas e sedimentos nas planícies da Baixada Fluminense que tendia a se agravar com a devastação das matas e que constitui até hoje um dos elementos importantes das relações do homem com o meio, foi, desde o início, enfrentado pelos colonizadores. Dispunham os proprietários do braço escravo sobre o qual repousava a organização econômica: os negros desobstruíam os rios, construíam canais e diques, trabalhavam nos canaviais e nos engenhos, e também na criação de gado e nas culturas de gêneros alimentícios para o abastecimento das fazendas. Os proprietários possuidores de muitos escravos levavam, assim, nas primeiras fases históricas, grande vantagem sobre os pequenos proprietários.

Até o século XIX, o açúcar era produzido, principalmente, para o mercado estrangeiro, tendo sido, inicialmente, o principal produto de exportação do país. É natural que as regiões que o fabricassem, como a Baixada Fluminense, alcançassem logo grande importância.

Hoje em dia, a Baixada Fluminense continua sendo uma das principais regiões brasileiras de produção açucareira, embora grandes modificações tenham ocorrido nesta indústria. Com a passagem da produção de açúcar dos engenhos que iam sendo abandonados para a produção de usinas, processou-se, do ponto de vista geográfico, uma concentração das indústrias e das lavouras em determinadas áreas, depois de se terem expandido por toda a região.

Para a compreensão destas modificações na economia do açúcar, que significaram um progresso e soluções para crises que atingiam a velha estrutura, é necessário relacionar as manifestações regionais do problema com o que ocorria em todo o país no setor da lavoura canavieira, bem como na agricultura de modo geral.

Já nos séculos XVII e XVIII, diz CAIO PRADO JÚNIOR, o mercado de açúcar se apresentava instável; a agricultura, em geral, já não atraía como nos primeiros anos da colonização. A instabilidade do mercado era devida à concorrência dos produtos das possessões espanholas e inglesas da América Central e, além disso, os "monopólios" * iam aumentando a pressão sobre os agricultores, onerando-lhes a produção. Contudo, segundo o mesmo autor, na segunda metade do século XVIII, a lavoura conseguira renascer na fase de decadência da mineração. Concorria para isto a valorização dos produtos coloniais, devido à revolução industrial que se desenvolveu e que era fator de aumento da população na Europa e do comércio mundial.

É nesta ocasião que a lavoura canavieira se expandia na zona campista da Baixada Fluminense, conquistando novas terras. Em obra moderna, o Prof.

* As organizações comerciais portuguesas.

RENATO DA SILVEIRA MENDES² apresenta um cartograma sobre a ocupação dos solos na Baixada Fluminense nos fins do século XVIII, onde aparecem duas zonas canavieiras: uma, em torno da Guanabara, que ia desde Itaguaí até Araruama, e outra, na planície dos Goitacases. A área da bacia do rio São João que ficava entre as duas era coberta de matas. A lavoura canvieira acentuava-se como monocultura em grandes extensões, em prejuízo das áreas dedicadas à criação de gado e principalmente daquelas dedicadas aos chamados "gêneros alimentícios".

No entanto, no século XIX, no país e na Baixada, encontra-se, novamente, a economia açucareira às voltas com problemas, conforme indicam autores da época. O aumento da concorrência no mercado internacional, a industrialização mais rápida do açúcar nas colônias dos países europeus e a utilização da beterraba prejudicaram a nossa exportação. O café começava a substituir o açúcar para tornar-se o principal produto agrícola nacional e as atenções e inversões de capital dirigiam-se cada vez mais para o planalto. Para poder continuar a produção de açúcar era necessário aplicar processos industriais de maior rendimento, de custo mais baixo, pois as formas arcaicas tendiam a deixar de oferecer vantagens.

Realmente, o que ocorreu foi, em primeiro lugar, o desaparecimento completo dos engenhos primitivos ante o engenho de vapor e, depois, ainda no século XIX, o aparecimento das usinas e o início do declínio total dos engenhos. A primeira usina do Brasil foi a de Quiçamã, na zona campista, instalada em 1877.

No setor agrícola, observa-se que, justamente quando se realizavam as modificações industriais, o trabalho escravo passava a se mostrar bastante oneroso pela sua pouca produtividade e seu maior custo, pois além do preço maior pago pela aquisição do escravo, havia sua manutenção mais cara.

O encarecimento da manutenção estava a par do encarecimento geral da vida, que muitos autores do século passado, como SEBASTIÃO FERREIRA SOARES³, atribuem ao abandono da lavoura de "gêneros alimentícios" em favor da monocultura.

A concentração industrial a que se tendia no século XIX ia servir para uma separação entre fabricantes de açúcar e agricultores de cana, pois nem todos os antigos senhores de engenho podiam modernizar suas indústrias. A classe dos senhores de engenho sofria cada vez mais o domínio da classe dos comerciantes, o que lhes diminuía os meios da modernização da indústria e muitos passavam à função de simples "fornecedores", aqueles que apenas forneciam cana para os engenhos maiores e as usinas. Privados de indústria própria, os fazendeiros, proprietários de escravos, iam tendo lucros menores, enquanto a situação dos trabalhadores livres, junto das modernas instalações industriais, ia-se tornando cada vez melhor pela necessidade de maiores quantidades de cana.

Outros senhores de engenho, principalmente da antiga nobreza, afastavam-se porém da economia açucareira por não se sujeitarem à simples condição de

² RENATO DA SILVEIRA MENDES — "Paisagens Culturais da Baixada Fluminense".

³ SEBASTIÃO FERREIRA SOARES — "Notas Estatísticas sobre a Produção Agrícola e Carestia dos Gêneros Alimentícios no Império do Brasil."

fornecedores, uma vez que não tinham modernizado as suas indústrias, quer pela falta de meios, conforme foi apontado acima, quer pela incompreensão do processo que se desenvolvia.

Além disto, êstes fazendeiros procuravam outras oportunidades mais lucrativas, plantando inclusive o café na Baixada⁴ ou transferindo seus interesses à cidade, para onde, geralmente, já tinham seguido os filhos na conquista das profissões liberais.

Na zona da Guanabara, esta tendência foi mais observada, tendo a economia açucareira marchado para o desaparecimento completo, restando apenas os engenhos que se transformavam em produtores de aguardente. Aí, onde o cultivo era mais antigo, mais acentuada se mostrava a insuficiência do trabalho escravo, pois os solos já tinham sido mais explorados. Havia também a influência da proximidade da grande cidade do Rio de Janeiro que atraía os fazendeiros, cuja agricultura se tornava menos lucrativa, e o interesse dos comerciantes na aquisição das terras para outros fins.

Na Baixada de Campos, os solos eram extremamente férteis para a lavoura da gramínea. As terras da planície do rio Paraíba ganharam grande fama desde que a agricultura aí se desenvolveu, sendo apontadas como de grande rentabilidade. A lavoura canavieira se ampliava no século XIX, através de um maior desenvolvimento das novas formas de produção. Nesta zona, além dos antigos senhores de engenho que passavam a fornecer cana para os engenhos de vapor, estabeleceram-se numerosas pequenas propriedades que ampliavam as classes dos fornecedores. Êstes eram animados pelo grande rendimento agrícola das terras. Produtores de açúcar e de cana tinham interesse que a produção não se interrompesse e procuravam encontrar soluções para as dificuldades que viessem a ocorrer.

Os agricultores e comerciantes mais empreendedores se reuniram para constituir as usinas em substituição aos engenhos de vapor, aumentando ainda mais as necessidades de cana-de-açúcar. Em conseqüência, os proprietários de terra, desejando maior produção agrícola, estimulavam ainda mais o sistema de parceria, que se difundia pela região. Existem dados de que as formas de trabalho livre por negros se desenvolviam na área de Campos desde antes da abolição, em escala crescente.⁵

Assim, apesar da modernização dos transportes na segunda metade do século XIX ter tido maior expressão na zona da Guanabara, êste fato não evitou a inversão dos capitais para as usinas numa área mais afastada.

Em tôrno e nas proximidades das usinas, foram-se localizando as grandes lavouras canavieiras. As usinas compravam terras dos fazendeiros vizinhos e ampliavam os canaviais próprios — organizavam-se as "plantations".

A concentração da produção se processava continuamente e a sua quantidade aumentava sempre, de modo geral, como se pode observar pelos dados do Instituto do Açúcar e do Alcool apresentados na obra do Prof. ALBERTO RIBEIRO LAMEGO⁶.

⁴ Houve, por exemplo, plantações de café nos morros da fazenda Engenho Velho, em Maricá. Nos morros do município de Cachoeiras de Macacu, existiam cafézais até 1926.

⁵ GILENO DÉ CARLI — "A Evolução do Problema Canavieiro Fluminense."

⁶ ALBERTO RIBEIRO LAMEGO — "O Homem e o Brejo."

Apesar da tendência à concentração em certas áreas, as lavouras de cana também se estendiam pelos trechos contíguos onde antes não haviam penetrado. Desenvolviam-se, por exemplo, ao norte do vale do Paraíba, depois da instalação da ponte em Campos, ou na área de Carapebus (município de Macaé), depois da fundação da respectiva usina em 1929.

Em torno da cidade de Campos organizou-se o maior parque de usinas, além de inúmeros estabelecimentos que fabricavam aguardente, melado, etc. Capitais estrangeiros, franceses e ingleses, foram invertidos nesta área com as usinas de São José, Santa Cruz e Paraíso. Em 1950, de 54 883 hectares cultivados de cana-de-açúcar na Baixada Fluminense, 39 300 se localizavam no município de Campos.

A cidade de Campos tornou-se um grande centro regional, sendo a segunda do estado com 80 000 habitantes, a única além da capital, Niterói, a possuir serviço urbano de bondes.

Mesmo na zona da Guanabara, onde a tendência do açúcar era desaparecer, instalaram-se também duas usinas depois da crise da 1.^a guerra mundial: a de Tanguá (município de Itaboraí), fundada em 1920, e a de Sampaio Correia (município de Saquarema). Nas suas proximidades a cana voltou a ser um produto valorizado e os fazendeiros e meeiros aumentaram novamente o seu cultivo. É interessante observar que o aparecimento destas usinas terminou de vez com a produção de açúcar de alguns engenhos da área Itaboraí-Rio Bonito.



Foto 1 — O engenho de aguardente da fazenda Itapacoara, no município de Itaboraí.

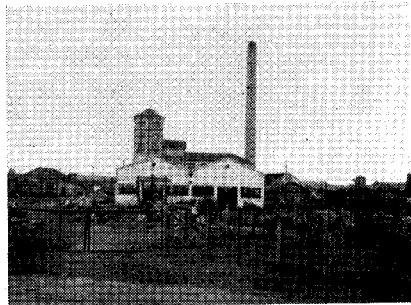


Foto 2 — Uma usina de açúcar moderna na Baixada da Guanabara, a de Sampaio Correia, no município de Saquarema.

Quando se processava a expansão da indústria açucareira nos meados do século XIX, êste fenômeno ainda se relacionava com o mercado externo e as oscilações internacionais influíam na curva da produção e no ritmo da instalação dos novos estabelecimentos. Contudo, o açúcar ia-se tornando essencialmente um produto do mercado interno e êste passava a influir decisivamente no progresso da indústria. A expansão açucareira na zona de Campos no século XX se relaciona com as modificações sociais que se acentuavam desde o século anterior: o aumento da população, o desenvolvimento do sul do Brasil, o crescimento das cidades, o aumento da população livre, etc. Produto essencial à alimentação, com o preço de custo industrial baixando, o açúcar encontrava no consumo interno uma compensação às dificuldades no exterior.

É claro que, nos tempos modernos, a curva da produção da lavoura canavieira apresentou muitas oscilações, de acordo com a conjuntura econômica nacional e internacional. Em tempos de baixa, assistia-se à queima de canaviais e à ampliação dos pastos. No entanto, novas soluções se apresentavam como a da fabricação do álcool. De modo geral, a expansão açucareira é contínua e, atualmente, a fase é de ampliação dos canaviais. Na zona de Campos, trata-se de drenar vastas áreas pantanosas para plantar a gramínea e existem projetos de novas usinas, tendo as antigas planos de ampliação.

Com a sua grande potência econômica, as usinas foram dominando a classe dos fornecedores, impondo-lhes as suas condições. Em geral, todas elas adquirem maiores extensões de terra, formando canaviais próprios cada vez maiores. O regime do colonato tende a desaparecer nestas propriedades em benefício do assalariado.

Em 1950, o valor da produção canavieira da Baixada era de Cr\$ 3 29 670 090,00 que representavam 39,6% do valor de toda a produção agrícola da região, correspondendo a 2 858 225 toneladas. A gramínea continua sendo portanto a lavoura principal.

A Baixada, que tinha no açúcar a sua principal base econômica no início da sua história, continua pois como um de seus principais produtores no país, apresentando mais de 30 usinas. O estado do Rio de Janeiro é o terceiro, originando-se a totalidade da produção da Baixada Fluminense e superando o estado da Bahia, que iniciou o ciclo açucareiro ao mesmo tempo.

Como, pois, falar simplesmente que houve uma decadência da Baixada Fluminense?

Depois da abolição da escravatura, quis-se atribuir a este acontecimento histórico a causa da decadência da lavoura na zona da Guanabara e muitos autores aceitaram esta tese. Estende-se mesmo essa idéia a toda a Baixada Fluminense.

Talvez muitos proprietários de escravos julgassem subsistir com sua economia, desde que pudessem manter esta qualidade de mão-de-obra. Observem-se, porém, os engenhos que continuaram a fabricar o açúcar depois da Abolição: eles foram desaparecendo devido à concorrência das usinas ou passaram a produzir apenas aguardente.

As quantidades de cana produzidas antes da Abolição seriam irrisórias se comparadas com as atuais.

No que diz respeito ao açúcar, o que houve foi uma concentração capitalista e respectiva redistribuição geográfica da ocupação, o que explica o abandono de certas áreas.

II. *A Importância do Mercado Externo e o Desenvolvimento da Fruticultura*

No século XX, a Baixada tornou-se uma das principais regiões fruticultoras do país. Assim, uma nova atividade agrícola se desenvolvia em áreas que não se concentraram na produção de açúcar ou donde este se retirara.

Ao se desenvolverem as cidades na zona da Guanabara, apresentavam nas suas vizinhanças chácaras que abasteciam com frutas as populações urbanas.

As laranjas de São Gonçalo têm fama antiga e as chácaras desta área foram descritas por SAINT-HILAIRE. Este cultivo em pequena escala foi o germe para o ulterior progresso da cultura de frutas.

Nesta zona, foi verificado anteriormente o abandono dos engenhos e com ele a decadência de uma classe de fazendeiros. Muitas terras passaram a ser menos utilizadas com a transferência para a cidade de seus proprietários, pouco interessados na lavoura. Havia também a aquisição de propriedades por parte dos capitalistas, seja por compra seja pelo pagamento de dívidas e hipotecas. O processo contínuo de expansão da cidade incentivou a especulação destas terras surgindo, então, as primeiras formas de loteamento.

Uma das modalidades de valorização dos terrenos e sua conseqüente venda em lotes, era o plantio de pomares e a transformação desses lotes em pequenos sítios que eram apresentados ao público com uma propaganda intensa. Os compradores eram grandemente interessados pelo fato de os laranjais serem de cultura permanente, o que não exigia mão-de-obra muito numerosa em relação às outras culturas.

Com a abertura dos portos europeus e platinos às nossas frutas, a situação destas lavouras melhorava e com o desenvolvimento da exportação desde a 2.^a década do século, a fruticultura foi-se tornando uma atividade importante, criando-se grandes empresas.

A penetração desta lavoura foi atingindo as antigas fazendas, seja aquelas que tinham continuado a produção agrícola de cana-de-açúcar para aguardente, de mandioca e de cereais, seja nas outras onde a agricultura havia sido interrompida e onde apenas se fazia a exploração florestal, ou a criação de gado ou a produção de cerâmica. Muitos comerciantes de frutas passaram a adquirir propriedades na zona da Guanabara para a instalação de pomares próprios.

As principais frutas produzidas na Baixada Fluminense são as laranjas, as bananas, e os abacaxis, de acordo com as condições climáticas e de solos da região.

O clima da Baixada é suficientemente quente e úmido para a cultura dos bananais e a existência de uma estação seca, relativamente acentuada em certas áreas, é favorável às plantações de abacaxi e de laranjais. Quanto aos solos, existem os que são bastante argilosos e fofos, necessários às touceiras de banana e os mais ou menos arenosos e menos úmidos para a cultura de laranja e abacaxi.

A localização da Baixada na costa assegura a exportação imediata de produtos cuja conservação é delicada e o Rio de Janeiro, além de porto, oferecendo um importante mercado consumidor do refugo, trazia vantagens para a localização da fruticultura na Baixada da Guanabara.

Com o desenvolvimento dos laranjais, ocorreu a maior ocupação de colinas e morros. As laranjeiras se instalaram, também em algumas planícies onde foram abertas valetas de drenagem e onde não havia "tabatinga" na superfície. No município de Nova Iguaçu, os pomares se estabeleceram, tanto nas planícies e colinas como nos morros, e mesmo nas encostas íngremes da serra da Madureira, onde atingem altitudes elevadas. Em fazendas antigas de Itaboraí,

observam-se os canaviais ocupando as planícies dos vales e os pomares e abacaxiais as colinas.

Os bananais se situaram nas planícies e nas encostas úmidas das serras. Encontramo-los na planície da foz do Macacu (fazenda Amorins, no município de Itaboraí), nos vales da zona de Tinguá e de Majé, na serra do Mar em Itaguaí e Petrópolis, na serra do Braçanã em Rio Bonito, etc.

Quanto às plantações de abacaxi, localizam-se numa área bem restrita da Baixada da Guanabara, situando-se principalmente nas colinas e terraços dos municípios de Itaboraí e São Gonçalo.

Ao se espalhar a fruticultura pelas propriedades da Baixada da Guanabara, acentuou-se a aquisição de terras e fazendas por parte de capitalistas da cidade, notadamente de comerciantes de frutas aos quais já nos referimos, de exportadores e de barraqueiros do Mercado Municipal. São conhecidos em toda a zona os nomes de alguns proprietários e comerciantes, como os Oliveira, os Coccozza, os Calcerada, os Perrota, etc.. Exemplos de fazendas adquiridas por comerciantes são: Amorins, Sampaio, Engenho Velho, etc.

A situação das grandes propriedades deixadas ao abandono pelos donos radicados na cidade contrasta com o rejuvenescimento agrícola das áreas onde estes comerciantes ou os antigos fazendeiros introduziam a fruticultura.

O interesse pelas frutas motivou a volta de capitais da cidade para o campo não só na forma de aquisição de pomares como pelo financiamento dos fazendeiros por parte dos negociantes de frutas. Nas culturas permanentes, laranja e banana, o trabalho assalariado toma expressão maior. No município de Nova Iguaçu, os particulares empregaram a mão-de-obra assalariada para tratar dos problemas de drenagem, bem antes das grandes obras governamentais de saneamento. Nesta área grassava a malária quando se instalaram os primeiros pomares e a doença, apontada como obstáculo à ocupação humana, não o foi quando se tratava de desenvolver uma cultura valorizada.

O transporte fluvial também foi restabelecido em certos trechos. Por exemplo, na localidade de Itambi (município de Itaboraí) um *packing-house* foi construído ao lado do canal, para que este fôsse utilizado no escoamento da produção que seguia pelo rio Macacu, fazendo-se as limpezas necessárias nos cursos d'água.

Na Baixada da Guanabara, o desenvolvimento da fruticultura foi expulsando as chamadas culturas de gêneros alimentícios como a do feijão, do milho e, principalmente, a da mandioca. No município de Itaboraí, por exemplo, cujos laranjais começaram a se desenvolver por volta de 1913, a farinha de mandioca e o milho figuravam entre os principais produtos daquela época. Em 1925, o Município de Cachoeiras de Macacu exportava milho, feijão e farinha, enquanto que atualmente importa.

Estes fatos mostram que muitas das razões invocadas em geral para explicar o abandono de lavouras — falta de mão-de-obra, malária, inundações, falta de transporte — desaparecem quando se trata de uma empresa agrícola muito lucrativa.

As frutas possuíam este poder de expansão porque encontravam escoamento no mercado estrangeiro. Isto é uma realidade da conjuntura econômica

do país: os produtos de exportação são valorizados, o que significa facilidades de financiamento, fato importante para os produtores; significa também comércio assegurado. É comum que a colheita e o transporte das laranjas, das bananas e dos abacaxis sejam feitos por conta do comerciante. Outra prática usual no comércio das frutas é a compra “no pé”, isto é, tempos antes da colheita.

O que podemos chamar o “ciclo” das frutas vem demonstrar a fragilidade da teoria de que um acontecimento existe desligado do conjunto do processo econômico, como se supõe ao atribuir à Abolição o desaparecimento de lavouras na Baixada da Guanabara. Mesmo numa fase que já se caracterizava principalmente pela intensificação das atividades industriais e pelo crescimento das cidades, verificou-se uma renovação da lavoura e o enriquecimento da Baixada Fluminense com novas culturas e novas paisagens rurais. Como pois falar simplesmente de uma decadência da região?

No século XX, as oscilações do mercado e as especulações sucedem-se com mais frequência e as transformações são mais rápidas. A história das frutas também apresenta altos e baixos. A crise de 30, por exemplo, ou a 2.^a guerra mundial afetaram a economia frutícola. O abandono do trato de muitos laranjais contribuiu para a difusão da “môscas” e a recuperação nos tempos melhores sendo custosa, diminuía os lucros com a cultura.

Assiste-se atualmente a um deslocamento da fruticultura em direção leste na Baixada Fluminense. É uma analogia com o que ocorreu com o açúcar: a relação com a instabilidade dos mercados internacionais; a maior procura por parte do mercado interno, e o aparecimento de novas atividades absorventes nas áreas mais próximas das grandes cidades — neste caso, o loteamento urbano.⁷

Assim, para o leste, nos municípios de Itaboraí e Maricá, vão surgindo novos pomares. As plantações de banana também se deslocam nesta direção, surgindo nos municípios pouco desenvolvidos de Silva Jardim e Casimiro de Abreu.

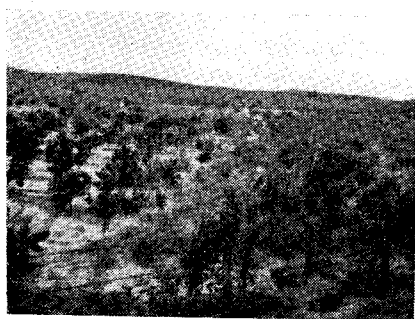


Foto 3 — Pomares de laranjeiras na área a sudoeste da cidade de Nova Iguaçu, notando-se as valetas de drenagem.

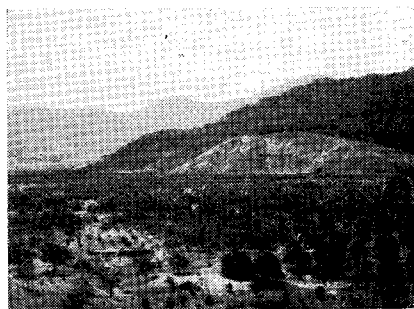


Foto 4 — Pomares de laranjeiras na fazenda Engenho Novo, no município de Maricá.

Nas zonas próximas das grandes cidades os terrenos estão muito valorizados para qualquer produção agrícola. Observa-se, em muitas áreas do Distrito Federal, de Nova Iguaçu, de São Gonçalo, sujeitas a loteamento, o abandono dos laranjais, o mesmo acontecendo aos bananais na área de Itaguaí. Em muitos

⁷ PEDRO PINCHAS CEIGER — “Loteamento na Baixada da Guanabara” — “Anuário Geográfico do Estado do Rio de Janeiro”, n.º 5.

trechos a paisagem se transformou em matagais e em outros, já se urbanizou pela construção de bairros residenciais ou pela abertura de ruas nos terrenos loteados.

Contudo, Nova Iguaçu é ainda o principal produtor de laranjas da Baixada e em certos trechos do seu imenso território ainda surgem novos laranjais, apesar de não compensarem em área às partes abandonadas.

São Paulo é importador de frutas da Baixada havendo possibilidades de maior desenvolvimento da indústria de doces e talvez de sucos na própria região.

Devido à fruticultura da Baixada Fluminense, o estado do Rio de Janeiro é o primeiro produtor de laranjas no país em 1952, com 1 562 436 000 centos. É o terceiro produtor de bananas e o quinto de abacaxi. Pelas estatísticas de 1950, o valor da produção destas três frutas nos municípios fluminenses da Baixada somou a quantia de Cr\$ 295 429 910,00. Considerando-se a produção de frutas e de cana-de-açúcar em 1950, a quantia é de Cr\$ 605 200,00, ou seja mais de dois terços da produção agrícola total da região que foi de Cr\$ 830 447 714,00.

III. *O Desenvolvimento Industrial e Urbano na Baixada Fluminense.* *Modificações nos Transportes*

Enquanto a produção agrícola da Baixada Fluminense foi em 1950 de Cr\$ 830 447 714,00, o Distrito Federal sozinho produziu Cr\$ 14 769 098 000,00 nas indústrias de transformação. O número de operários em tôdas as indústrias do Distrito Federal era de 165 957, ou seja, mais do que a população rural ativa de toda a Baixada Fluminense em 1940. Deve-se, ainda, acrescentar a produção industrial dos municípios fluminenses da região. Os dados para todo o estado do Rio de Janeiro e dos quais uma boa parte deve corresponder à Baixada são: produção de indústrias de todo o tipo Cr\$ 7 320 673 000,00; operários — 77 000.

A mudança da correlação de forças entre a agricultura e a indústria na Baixada Fluminense se vem acentuando desde os fins do século passado, representando o aspecto mais importante da sua evolução histórica. Historiadores como CAIO PRADO JÚNIOR caracterizam, de modo geral para todo o país, a fase iniciada em 1850, pelo emprêgo dos capitais acumulados na organização de sociedades comerciais, bancárias, de seguros e na instalação de ferrovias, como sendo de desenvolvimento das formas iniciais do capitalismo.

A Baixada Fluminense é uma das regiões onde esta modernização mais se fez sentir. Nela foram colocados os primeiros trilhos de via férrea por iniciativa do barão DE MAUÁ; nela se desenvolveu uma das principais bases da classe comercial — industrial: a cidade do Rio de Janeiro. A instalação das usinas de açúcar, já tratada neste trabalho também se relaciona com êste processo de industrialização.

A variedade de indústrias que começam a surgir no século XIX era possível desde que o país estava politicamente independente, liberto da opressão econômica das leis portuguesas.

Até então, as únicas indústrias importantes da região eram praticamente as de açúcar, de farinha, de cerâmica e pequenas serrarias.

Nos meados do século XIX, aparecem inicialmente, as fábricas de produtos de largo consumo, como as de tecidos, de bebidas, de artigos de fumo. A primeira fábrica de tecidos do estado do Rio de Janeiro foi instalada em Majé.

Desde então, desenvolvem-se novas indústrias, muitas relacionadas com as matérias-primas locais, como no caso da grande fábrica de cimento Guaxindiba (município de São Gonçalo), a maior do Brasil no gênero, explotando a bacia calcária de Itaboraí. Antigas indústrias nas mesmas condições aumentaram o seu número e sua capacidade, como no caso das olarias que aproveitam os depósitos de "tabatinga" dos largos vales planos da Baixada.

O progresso industrial, principalmente no século XX, se processa num ritmo que não é acompanhado pela agricultura. Apesar da ocupação de novas terras e do rejuvenescimento das lavouras em áreas de ocupação antiga; apesar de surgirem novos produtos como as frutas, a agricultura nunca mais alcançou o antigo prestígio da Baixada Fluminense, principalmente na zona da Guanabara. Esta zona, particularmente, se caracteriza pela industrialização e urbanização.

É preciso salientar, contudo, que devido em parte à urbanização e ao aumento do nível de vida das populações ocupadas na indústria e no comércio é que foi possível o progresso absoluto na agricultura como, por exemplo, na ampliação da produção do açúcar, das frutas, das verduras e dos legumes em certas áreas.

Industrialização, urbanização e modernização de transportes estão muito ligados e a sua evolução se caracteriza pela tendência à concentração, mais nitidamente do que na agricultura.

A concentração industrial se processou na zona da Guanabara e, principalmente, nas áreas urbanas do Rio de Janeiro, Niterói e São Gonçalo. Em menor escala também se desenvolveu na cidade de Campos.

Em 1872, o Distrito Federal já tinha uma população de 275 000 habitantes, enquanto todo o atual estado do Rio de Janeiro contava 783 000. Em 1890, os números eram 522 000 e 877 000, respectivamente. Muitos autores querem atribuir o aumento da população da cidade do Rio de Janeiro à Abolição, mas esta tendência já vinha de antes e se acelerava com o desenvolvimento da exportação de café, com o progresso de suas atividades comerciais e portuárias de modo geral, e com a industrialização. Em 1950, a população do Distrito Federal é maior que a de todo o estado do Rio de Janeiro: 2 377 500 e 2 297 000. A população urbana na Baixada Fluminense, sem o Distrito Federal, era de 714 850 sobre o total de 1 268 596.

A maioria das cidades de grande população se encontra nas vizinhanças da Capital Federal. Uma das causas do seu crescimento é justamente esta proximidade, pois isto permite que muitos de seus moradores trabalhem no Rio de Janeiro. Este deslocamento de trabalhadores em distâncias cada vez maiores tornou-se possível com a modernização dos meios de comunicação, instalação de ferrovias e abertura de rodovias. A eletrificação da Central e ampliação da rede rodoviária na zona da Guanabara nos últimos tempos tem

ajudado a expansão de cidades como Nova Iguaçu, Caxias, Nilópolis, São Gonçalo, etc., chamadas "cidades-dormitório". São centros industriais e residenciais ao mesmo tempo. Hoje existem numerosas linhas de ônibus e lotação que partem do Rio de Janeiro, da Praça Mauá, ou das "Barcas" em Niterói. Segundo o censo de 1950, de 1 365 513 brasileiros naturais do Distrito Federal, 102 108 residem no estado do Rio de Janeiro ou sejam 7,5% (3,0% no resto do Brasil), a maioria deles nas chamadas cidades-dormitório.

É sabido que as indústrias tendem a se localizar na periferia das grandes cidades, em parte pelo preço menor dos terrenos necessários às instalações e pela localização da mão-de-obra. Muitos dos velhos estabelecimentos fabris do Rio de Janeiro, antigamente situados na periferia, hoje se encontram englobados pelo crescimento da cidade. Durante o grande impulso industrial dos últimos decênios, novas empresas foram-se localizando nos subúrbios modernos, já muito longe do centro da cidade e também nestas cidades vizinhas cada vez mais próximas. Amplia-se, pois, a atividade industrial de Nova Iguaçu, Nilópolis ou São Gonçalo e de tantas outras.

Para dar um indício da importância industrial destas cidades fluminenses servem os seguintes dados: em 1946 a produção industrial de São Gonçalo somava Cr\$ 470 373 021,00, existindo neste município produção metalúrgica, têxtil, de cimento, de papel, de fósforos, de vidro, de sardinhas, de cloro e soda cáustica, etc. O município de Nova Iguaçu dispõe de fábricas de papel, cerâmicas, metalúrgicas, indústrias plásticas, montagem de *jeeps*, etc. Na área de Majé, existem quatro fábricas de tecidos e três de bebidas.

Fora da zona da Guanabara, Campos, como capital regional, tornou-se também um centro industrial com outras empresas além das usinas de açúcar e álcool. Dispõe de indústrias de tecidos, cimento, bebidas e outras.

É interessante observar que, enquanto um número de cidades, como as que foram citadas, progrediam rapidamente, outras se imobilizavam e caíam na decadência. Este fenômeno é idêntico ao que vinha ocorrendo na agricultura com o abandono de certas áreas e o aproveitamento de outras. A concentração se desenvolvia em todos os setores como uma consequência da integração da Baixada numa economia mais capitalista. Exemplos de cidades decadentes são Itaboraí, Itaguaí e Maricá, estagnadas, ou Barra de São João e Iguaçu em ruínas.

Apesar deste declínio de algumas cidades, ninguém negará a grande expansão urbana na Baixada Fluminense. Como não entender do mesmo modo o problema na agricultura e insistir numa decadência?

E mesmo que a agricultura tivesse tido decadência, a vida urbana não faz parte das atividades humanas de uma região? Pode-se falar em decadência quando se constroem grandes cidades e uma metrópole?

Entre as razões que levaram à diferenciação das cidades da Baixada serão mencionadas duas: a transformação do sistema de transporte e as modificações econômicas das diversas zonas.

Quanto aos transportes, influiu não só o traçado das linhas ferroviárias e, mais tarde, das rodovias e a formação de novos entroncamentos, como também, a rapidez dos deslocamentos que facilitam as relações diretas das zonas rurais mais afastadas com as grandes cidades e eliminando o papel dos centros inter-

mediários. Pôrto das Caixas, por exemplo, perdeu a função de centro de convergência do açúcar, que vinha dos engenhos da zona para descer pelo rio Macacu; hoje, a aguardente dos engenhos segue diretamente pelos caminhões das fazendas ao distribuidor de Niterói ou do Rio de Janeiro. A pavimentação da rodovia Niterói-Campos, via Araruama, afeta as cidades de Casimiro de Abreu e Silva Jardim, situadas na velha estrada. Os pequenos portos marítimos também sofreram as conseqüências dêste encurtamento de distâncias, pelo fato de que o escoamento dos produtos se fazia dos pontos mais afastados diretamente para o pôrto do Rio de Janeiro. Um exemplo é a exportação do açúcar produzido na zona de Campos, que antigamente se utilizava do canal Campos-Macaé.

Quanto às modificações das atividades econômicas, temos os exemplos de Sambaetiba, vila que praticamente não mais existe (município de Itaboraí), em conseqüência das devastações das matas vizinhas, pois fazia o comércio da madeira. A cidade de Macaé perdeu a sua importância e Barra de São João caiu em ruínas, tanto pela modificação dos transportes quanto pelo desaparecimento do café que era embarcado nos seus portos.

O desenvolvimento industrial não se processou apenas nas cidades; nas zonas rurais, também se intensificou, e isto em parte devido às condições locais. As atividades industriais antigas, como a fabricação de açúcar, de farinha e de materiais de barro se ampliaram muito, sempre localizadas no âmbito rural.

Sobre as usinas já se tratou neste trabalho. Quanto à produção de telhas, tijolos, manilhas, etc., o desenvolvimento das cidades deu grande impulso, multiplicando-se os estabelecimentos em tôrno da baía de Guanabara, ao longo das principais vias de comunicação. Novas olarias vão sendo levantadas em conseqüência do enorme movimento imobiliário do Rio e de Niterói, havendo ao mesmo tempo tendência à concentração da produção. Instalaram-se grandes emprêsas que utilizam máquinas apropriadas para o fabrico de tijolos furados, necessários nos edifícios modernos.

A produção da mandioca era feita nas fazendas de açúcar para o abastecimento local e venda das sobras, sendo o engenho de farinha uma pequena indústria doméstica. Parece que esta indústria acompanha a do açúcar, pois paralelamente ao desenvolvimento açucareiro do município de Campos desenvolveu-se a cultura da mandioca e sua indústria no município de São João da Barra, ao norte da zona do açúcar.⁸

Contudo, dois grandes empreendimentos modernos, as fábricas de amido em Barra do Itabapoana e Visconde de Itaboraí estão paralisadas.

Outras novas indústrias apareceram na zona rural como, por exemplo, a fábrica de cimento de Guaxindiba, a fábrica de álcalis em Cabo Frio, etc. Deve-se mencionar também o desenvolvimento das atividades extrativas do sal, da pesca, que dominam certas extensões da costa fluminense. A atividade salinera se concentrou nas margens da lagoa de Araruama.

A industrialização e a urbanização intensificaram também a devastação das matas na exploração dos combustíveis vegetais. Desde os meados do século

⁸ MYRIAM GOMES COELHO MESQUITA — "A mandioca na Baixada Fluminense" "Anuário Geográfico do Estado do Rio de Janeiro", n.º 5.

passado, acentuava-se o consumo da lenha e do carvão, forçando o desbravamento de novas áreas e ampliando o desflorestamento das encostas das serras. A área ao norte da estrada de Itaboraí a Rio Bonito foi desbravada pela exploração madeireira. Ao norte do município de São João da Barra, novas áreas vão sendo abertas à ocupação humana pelas atividades florestais. Existem também exemplos de áreas que no início deste século abandonaram as lavouras de gêneros alimentícios para se dedicar à extração da lenha, como ocorreu em estação de Rio dos Índios, junto da serra do Braçanã.

Apesar da ocupação antiga da região e do desflorestamento constante, já criticado por autores do século passado, havia ainda muitas matas e capões para serem derrubados. Em 1911, havia 35 981 km² de matas no estado do Rio de Janeiro sobre uma área total de 42 588 km². Em 1947 tinham sobrado apenas 3 479 km² de matas. Grande parte desta devastação se processou nas encostas, nos morros e nas planícies da Baixada.

A exploração da lenha vem-se fazendo mesmo em muitas antigas fazendas da Baixada da Guanabara, seja porque, tendo sido abandonadas as lavouras, grandes áreas foram recobertas pelas capoeiras, seja pela formação das mesmas no sistema agrícola de rotação de terras, que é geralmente o empregado⁹.

O combustível vegetal é necessário, não só nas cidades sem gás e nas indústrias como nas estradas de ferro. A Leopoldina adquiriu muitas propriedades para explorar lenha e madeiras para dormentes. Diversas empresas industriais também adquiriram terras para dispor de abastecimento próprio como, por exemplo, a Eletro-Química, que comprou a fazenda Santa Teresinha, no município de Itaboraí. Esta companhia comprava antes a sua lenha nesta fazenda e depois de se apossar da propriedade tratou de plantar um bosque de eucaliptos para substituir o material retirado.

Atualmente, surgem bosques de eucaliptos nas paisagens da Baixada devido às atividades destas empresas industriais, que procuram substituir a lenha das matas e capoeiras que vão escasseando. Junto de muitas usinas de açúcar já é comum se encontrar estes bosques.

No entanto, existem ainda áreas com reservas de mata, como na zona da bacia do rio São João. Muitas propriedades foram adquiridas nos municípios de Rio Bonito, Araruama, Cabo Frio e principalmente Silva Jardim e Casimiro de Abreu por capitalistas da cidade, que as guardam como reserva de madeira.

A possibilidade de explorar a lenha, o barro, as areias, em relação com a industrialização e urbanização facilitavam o desinterêsse dos grandes proprietários pela agricultura.

Antes de terminar as observações sobre a urbanização, deve-se focalizar alguns aspectos do crescimento espacial das cidades e da especulação imobiliária, que atingem o auge nos tempos atuais.

O loteamento é hoje certamente a atividade mais lucrativa na esfera rural da Baixada da Guanabara.

O fenômeno do loteamento e construção de bairros residenciais na periferia das grandes cidades da Baixada leva ao desaparecimento de espaços vazios

⁹ ORLANDO VALVERDE — "Aspectos Geográficos e Econômicos da Agricultura no Município de Itaboraí" "Anuário Geográfico do Estado do Rio de Janeiro", n.º 5.

entre os diversos bairros e entre êstes e as cidades vizinhas, muitas vêzes, à custa da destruição das lavouras. A tendência entre o Rio de Janeiro, Caxias, São João do Meriti, Nilópolis e Olinda é formar uma única massa urbana, assim como já formam conurbação Niterói e São Gonçalo.

O loteamento não se prende sòmente aos trabalhos urbanos, mas também ao aumento do turismo causado pela elevação do nível de vida nas cidades. O uso de lotes para construções de *week-end* se processa, naturalmente, nos trechos pitorescos, como nas praias marítimas ou às margens das lagoas.

O loteamento já vai com intensidade além da cidade de Itaguaí a oeste, no extremo da Baixada, e além de Itaboraí e Maricá, a leste. Com menos continuidade evolve pelo litoral mesmo até Campos.

O alastramento da urbanização foi facilitado pela existência de latifúndios em tôrno das cidades. As grandes propriedades pouco produtivas são também a causa do loteamento se desenvolver para tão longe, em lugares onde cedo não haverá construções. Isto é feito sòmente pelo espírito especulativo numa época de inflação.

É de se notar que as terras saneadas pelo govêrno na Baixada, com o objetivo de melhorar as condições da lavoura de abastecimento da capital, foram muito valorizadas pela possibilidade de também serem loteadas, o que aliás tem acontecido.

Nos trabalhos de loteamento têm sido usadas muitas espécies de máquinas e em quantidade; as lavouras têm sido prejudicadas; no entanto, a respeito dos problemas da agricultura, apresenta-se quase sempre como razão das dificuldades, a falta de mão-de-obra.

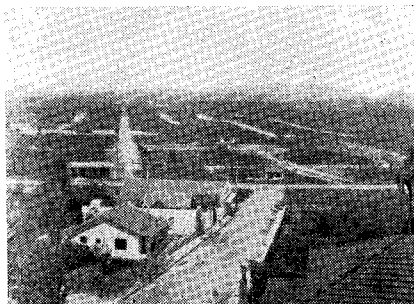


Foto 5 — O loteamento da fazenda Caluje, imediatamente ao sul da cidade de Itaboraí.

IV. A Manutenção da Velha Estrutura Agrária

Apesar da modernização da indústria açucareira e da concentração da respectiva lavoura em *plantations*; apesar do desenvolvimento de maior variedade de produtos agrícolas; apesar da forte industrialização e urbanização na região, ainda restam muitos elementos da antiga estrutura econômica, principalmente nas atividades do campo, em quantidade tal que são suficientes para caracterizar a estrutura agrária como muito atrasada. Esta estrutura agrária é responsável em grande parte pelo menor aproveitamento das terras e pela existência de grandes extensões incultas nas paisagens atuais da Baixada Fluminense.

Uma das características da estrutura econômica é a predominância da grande propriedade. Existiam em 1940, na Baixada, excluído o Distrito Federal, 21 746 propriedades que produziam agricolamente, ocupando a área total de 1 201 997,4 hectares. No Distrito Federal eram 7 994 numa área de 48 578 ha. Para êste número de propriedades, a população ativa permanente era de 157 475 pessoas nos municípios fluminenses e 18 878 em terra carioca. Isto significa que

a relação entre a população ativa das propriedades e o número destas era de 7, se fôr excluído o Distrito Federal e de 6, considerando também esta unidade.

Ainda pelo censo de 1940, existiam 173 propriedades de mais de 1 000 hectares cada uma, cobrindo uma área de 424 000 hectares, ou seja, aproximadamente 1/3 do total da área recenseada.

As propriedades de mais de 2 000 hectares ocupavam áreas de:

117 058	ha	na	chamada	zona	dos	Goitacases *	sôbre	o	total	de	692 884;
23 441	"	"	"	"	"	de Araruama	"	"	"	de	272 679;
52 658	"	"	"	"	"	de Guanabara	"	"	"	de	193 762;
13 890	"	"	"	"	"	da Ilha Grande**	"	"	"	de	42 672.

Observa-se a maior concentração na chamada zona da Guanabara.

A retirada de famílias importantes da zona rural para as cidades no transcurso da evolução da Baixada não fêz com que todos abandonassem a posse da terra. Radicados na cidade e interessados em outras ocupações, êstes proprietários não podiam cuidar com eficiência do aproveitamento agrícola e suas terras se mantêm como latifúndios.

Também nas áreas onde a lavoura vinha sendo feita sem interrupção e os fazendeiros não se afastaram de suas terras, como em Campos, no sul do município de Itaboraí, etc., as grandes fazendas com as suas antigas estruturas foram mantidas. Nestas áreas também se processava a aglutinação das terras dos pequenos cultivadores, cuja resistência era menor nas épocas de dificuldades.

A grande quantidade de terras adquiridas pelos capitalistas também foi um fator da manutenção das grandes propriedades. Além daqueles que se interessaram pela produção de frutas, muitos capitalistas procuraram manter latifúndios pelo espírito de especulação imobiliária. De qualquer modo, a posse de terras por parte de habitantes da cidade em grande proporção se reflete no alto índice de absentismo no estado do Rio de Janeiro: é de 29,4% em relação à extensão das terras recenseadas.

A existência destas grandes propriedades cujos donos pouco se interessam pela lavoura é uma das razões para que grandes extensões da Baixada fiquem ao abandono ou sejam apenas aproveitadas para a extração da lenha, barro ou areia, pois não exigem capitais e cuidados e não apresentam os riscos da agricultura. É também comum a colocação do gado em criação extensiva, o que exige pouca mão-de-obra. Ocorre principalmente nas grandes planícies de campos naturais, como na bacia do Macacu, do Guandu e do rio Macaé.

Aliás, nestas áreas de grandes planícies, muitas extensões foram sempre dedicadas à criação de gado devido às condições naturais, às inundações e à pouca profundidade da tabatinga.

Quanto à concentração das propriedades em função de um produto valorizado, como foi observado na compra de fazendas pelos comerciantes de frutas ou pelas usinas, deve ser considerado de modo especial o aumento dos domínios destas últimas. É que se trata, no caso, de intensificar a produção agrícola em

* Segundo a divisão regional vigente em 1940.

** Foi considerado apenas o município de Itaguaí.

concorrência com os fornecedores, utilizando-se cada vez mais o trabalho assalariado e métodos mais modernos de cultivo. Em consequência, também os fornecedores procuram melhorar as suas lavouras. O fato é que no município de Campos, onde os solos são considerados os mais férteis, o consumo de adubos corresponde à maior parte dos empregados na Baixada. Neste município também se concentra a maior parte das máquinas agrícolas. De 1 144 propriedades da Baixada que possuem instrumentos agrários, 638 se situam no município de Campos.

O nível mais elevado da lavoura açucareira nas áreas de usinas se deve também ao fato de que as lavouras não se podem deslocar para longe das usinas, devendo ser cultivada a mesma terra.

As terras que têm sido adquiridas pelas empresas interessadas na exploração da lenha também passam a servir ao jôgo de especulação imobiliária depois da devastação florestal.

Em geral, quando um comprador adquire terras visando a determinado aproveitamento agrícola, êle se interessa por uma quantidade maior do que a sua capacidade de ocupação. Assim, muitos fruticultores e outros fazendeiros se tornaram ao mesmo tempo loteadores.

O valor das terras muito superior às benfeitorias, máquinas e gastos de produção é outra característica da estrutura agrária. Reflete a manutenção de uma economia em que o principal elemento é a terra e indica a pouca aplicação de capital na agricultura. Pelos dados de 1940, observa-se:

Valor das terras	Valor dos prédios, máquinas, veículos e animais	Gastos com a produção
Cr\$ 291 000 000,00	Cr\$ 157 000 000,00	Cr\$ 55 000 000,00

Note-se que a tendência dos declarantes é de diminuir o valor das terras e aumentar o dos gastos.

Compensando as divisões das terras por heranças ou vendas, o reagrupamento de propriedades pela especulação ou pela valorização de certos produtos vem mantendo a grande propriedade.

Entre 1940 e 1950, segundo o Serviço Nacional de Recenseamento, o número de propriedades de todo o estado do Rio de Janeiro passou de 48 389 para 40 602 e êste fenômeno foi certamente muito acentuado na Baixada Fluminense. Enquanto isso, a população rural aumentava de 461 961 habitantes para 553 746.

O trabalho agrícola é exercido, pois, em grande parte pelos meeiros e "colonos". Em 1940 os dados indicam 91 000 colonos e empregados e 13 000 trabalhadores extraordinários. Sobre a população ativa de cerca de 157 000, 58 000 pessoas eram parentes do responsável pela propriedade respectiva.

O regime da meação é uma forma antiquada. Ainda no tempo da escravidão, na segunda metade do século XIX, "os escravos ... possuem até na maior parte das fazendas lavouras próprias de cujos produtos dispõem livremente"¹⁰. Atualmente, a meação e o colonato se exercem principalmente na

¹⁰ O Império do Brasil na Exposição Universal de 1873 em Viena d'Áustria."

produção de cereais, mandioca, cana-de-açúcar dos fornecedores e engenhos de aguardente e na produção de abacaxi. É freqüente também se encontrar a meação na produção do carvão vegetal e da lenha.

O trabalho no regime de empreitada e colonato é, às vèzes, encontrado nos laranjais e bananais. Nos pomares penetram as formas do salariato, tal como já foi visto nos terrenos das usinas. Contudo, esta penetração capitalista é ainda muito pequena no conjunto da Baixada e os salários são mais empregados nos serviços não permanentes. Nas fazendas de cana-de-açúcar existe o trabalho permanente dos meeiros ou colonos e nas épocas de maior serviço o emprêgo de trabalhadores rurais. Nas fazendas de frutas, existem os "moradores" das propriedades, meeiros e colonos, que ganham salários trabalhando nas plantações do proprietário na colheita ou na poda. O sistema da meação seria mais difundido nas áreas dedicadas à fruticultura se os laranjais e bananais não fôsem culturas permanentes, como acontece com o abacaxi, em que o sistema é mais comum.

No regime de meeiros e colonos, o proprietário tem uma função comercial, sendo o intermediário entre êles e o mercado, pois compra a parte dêles da produção, abastecendo-os por meio da "venda" da fazenda. O sistema do "vale" ainda é comum a poucos quilômetros do Rio de Janeiro.

As conseqüências desta situação, grandes propriedades, trabalho de meação, pouco capitalismo na agricultura e comércio feudal, são as seguintes:

a) a grande massa da população rural não se radica na terra em que mora. Além do regime da propriedade facilitar o êxodo rural, é uma causa dos numerosos deslocamentos dos lavradores de uma fazenda para outra. Não dispondo de contrôle sôbre as atividades econômicas da propriedade, os "moradores" são obrigados a se mudar quando elas se modificam desfavoravelmente.

b) A expansão de uma lavoura só é feita quando interessa aos proprietários, pois são êles que assalariam ou financiam os "meeiros". Os grandes empreendimentos agrícolas ficam limitados aos interesses de uma parte apenas daqueles que se ocupam com a terra. Como, em geral, os proprietários, principalmente os que dispõem de outras empresas econômicas, só se interessam pelas atividades muito lucrativas, a lavoura é muitas vèzes abandonada ou se dá maior importância aos produtos de exportação.

c) Os proprietários dos grandes domínios não podem aproveitar a totalidade de suas terras sem aplicar grandes capitais, principalmente onde houvesse necessidade de obras, como nas planícies sujeitas a inundação. Daí, a pobreza em lavouras nas planícies em tôrno do Rio de Janeiro. As áreas cultivadas são pequenas nos latifúndios.

d) O regime de meia significa um aluguel caro da terra, pouco rendimento para o lavrador e no fundo um encarecimento da produção. Neste sistema o proprietário não se preocupa com o preço de custo¹¹ pois, dispõe sempre da metade da produção livremente. Esta é uma das razões importantes da manutenção dos velhos sistemas agrícolas da rotação de terras e queimadas. O meeiro não terá vantagens em aplicar dinheiro na melhoria do trabalho

¹¹ A. R. COUTINHO — "Por que faltam agrônomos no Brasil?".

agrícola, porquanto as vantagens obtidas teriam de ser divididas com o proprietário. O lavrador subestima o problema da degradação do solo, porque pode mudar de fazenda quando o solo lhe rende muito pouco. Ademais êle pode ser forçado a se retirar da fazenda e seus investimentos seriam perdidos. Aliás, sendo muito baixo o rendimento do lavrador, desde que não seja financiado é difícil haver melhoria ou ampliação da área cultivada.

e) Os latifúndios facilitaram a intensificação da especulação imobiliária, os loteamentos urbanos e uma expansão espacial desmesurada, desnecessária da capital. Observava-se que onde se intensificava a especulação imobiliária ou o proprietário não oferecia trabalho ou financiamento, deslocava-se maior quantidade de gente para a cidade.

No entanto, existem outras razões para a manutenção dos velhos métodos agrícolas. Uma delas é a pouca disponibilidade em dinheiro nas mãos dos agricultores, dominados cada vez mais pelos comerciantes. Outras razões são: o alto preço das máquinas, dos adubos, enfim de tudo que é importado, que muitas vezes não se encontra; o desinterêsse pelo aumento da produção motivado pelas especulações dos intermediários; as dificuldades da manutenção dos instrumentos agrícolas; os pequenos lucros dos produtos agrícolas, principalmente dos chamados gêneros alimentícios, enquanto nos setores urbanos os capitais rendem muito mais; a tradição dos velhos métodos, e, finalmente, a ignorância dos próprios lavradores.

Um fato importante é que grande número de fazendeiros não tem prática do trabalho da terra. O Prof. RENATO DA SILVEIRA MENDES, na sua obra já citada, mostra como na citricultura, muitos produtores provenientes da cidade não estavam qualificados.

O sistema agrário vigente, estabelecido na Baixada desde o início da colonização, foi um fator para a forte degradação dos solos. A baixa produtividade de muitas áreas devido ao sistema agrícola empregado, foi certamente mais importante para o abandono da lavoura do que a Abolição. O empobrecimento dos solos, explica em parte a ausência de milho e de feijão em muitas roças, predominando as lavouras de mandioca, menos exigente. A baixa produtividade, por sua vez, passa a ser uma das causas do desinterêsse dos proprietários pelas lavouras, em muitas áreas.

Um simples parcelamento das terras não teria evitado que diversos destes problemas afetassem a economia agrícola, mas, por si só os teria atenuado. Na zona de Campos, um grande número de propriedades agrícolas foi um fator para o desenvolvimento da economia açucareira, atravessando-se uma época de transformações; na zona de Santa Cruz, os parcelamentos governamentais para a exploração agrícola, contribuem aí para a resistência da lavoura no meio de loteamentos.

Conclusão

Depois de longo processo econômico-social, criou-se na Baixada um contraste enorme entre as cidades, onde predominam estruturas econômicas modernas e o campo, onde permanecem de modo amplo as formas arcaicas.

O grande crescimento das cidades só fêz aumentar os problemas do abastecimento de gêneros, enquanto extensas áreas eram abandonadas pela lavoura.

No entanto, no conjunto a produção da Baixada Fluminense, tanto industrial como agrícola, tem aumentado sempre.

BIBLIOGRAFIA

- 1) COUTINHO, A. R. — *Por que faltam agrônomos no Brasil?* — Tese inédita apresentada ao I.º Congresso dos Servidores Públicos de Nível Universitário Superior.
- 2) DE CARLI, Gileno — *A Evolução do Problema Canavieiro Fluminense* — Irmãos Pongetti — Rio de Janeiro, 1942.
- 3) FERREIRA SOARES, Sebastião — *Notas Estatísticas sobre a Produção Agrícola e Carestia dos Gêneros Alimentícios no Império do Brasil* — Rio de Janeiro, 1860.
- 4) GEIGER, Pedro Pinchas — *O Loteamento na Baixada da Guanabara*, in “Anuário Geográfico do Estado do Rio de Janeiro”, n.º 5, 1952.
- 5) GOIS, Hildebrando de Araújo — *Saneamento da Baixada Fluminense* — Publ. da Diretoria de Saneamento da Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, 1939.
- 6) GOMES COELHO MESQUITA, Myriam — *A mandioca na Baixada Fluminense*, in “Anuário Geográfico do Estado do Rio de Janeiro”, n.º 5, 1952.
- 7) *O Império do Brasil na Exposição Universal de 1873 em Viena d'Áustria*, Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1873.
- 8) LAMEGO, Alberto Ribeiro — *O Homem e o Brejo*, Biblioteca Geográfica Brasileira, publicação n.º 1 da série-A — Livros, Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1945.
- 9) MENDES, Renato da Silveira — *Paisagens Culturais da Baixada Fluminense* — Univ. de São Paulo, Fac. de Filosofia, Ciências e Letras, São Paulo, 1950.
- 10) PRADO JÚNIOR, Caio — *Formação do Brasil Contemporâneo*, Livraria Martins Editôra, São Paulo, 1942.
- 11) SAINT-HILAIRE, Augusto — *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*, tomo I, tradução e notas de CLADO RIBEIRO LESSA, coleção Brasiliana, vol. 126, Comp. Editôra Nacional, São Paulo, 1938.
- 12) VALVERDE, Orlando — *Aspectos Geográficos e Econômicos da Agricultura no Município de Itaboraí*, in “Anuário Geográfico do Estado do Rio de Janeiro”, n.º 5, 1952, Dados estatísticos do I.B.G.E.

RÉSUMÉ

L'auteur cherche dans ce travail, à présenter des observations sur un certain nombre d'aspects de la formation des paysages actuels de la Baixada Fluminense.

On observe que les paysages actuels de la Baixada Fluminense résultent d'un procès de redistribution géographique des activités humaines lié aux phénomènes économiques de centralisation capitaliste d'industrialisation et d'urbanisation.

La redistribution géographique signifie que les divers produits et que les différentes activités économiques se sont concentrés en des points déterminés de la région et ont abandonné d'autres. Par exemple: 1 — la production du sucre, après s'être étendue dans presque toute la région et avoir été la principale économie de la zone de Guanabara, s'est fixée dans la zone de Campos; 2 — la vie urbaine s'est répandue principalement autour de la baie de Guanabara; 3 — la fruticulture s'est concentrée, principalement, autour des aires urbanisées de la Guanabara, etc.

La redistribution géographique continue à se faire et l'on observe actuellement le recoupe-ment du terrain pour la vente en lots, l'urbanisation des aires occupées par des verges et le déplacement de la fruticulture vers d'autres contrées.

Avec cette tendance de concentration, des aires rurales qui étaient, auparavant, prospères montrent aujourd'hui des cultures moins développées et plusieurs villes qui, autrefois, étaient importantes sont devenues décadentes. Cependant, dans l'ensemble, le progrès s'est manifesté dans tous les secteurs de l'économie, puisque: 1 — les anciens et principaux produits agricoles sont fournis aujourd'hui en plus grande quantité, en outre de beaucoup d'autres que ont été introduits à l'échelle commerciale comme, par exemple, les fruits; 2 — la Baixada est devenue un des principaux centres de l'industrie qui produit, à côté des marchandises traditionnelles comme le sucre et les poteries, une grande variété de produits de l'industrie moderne comme le ciment, les textiles, produits métallurgiques, chimiques, etc.

Cette augmentation de la production provient du fait que cette concentration géographique et économique n'est possible qu'à travers la modernisation des méthodes de travail et des moyens de transport. Dans le cas du sucre, par exemple, on passe de la fabrication qui utilisait l'*engenho* à la fabrication qui emploie les usines modernes.

Dans l'évolution récente de la Baixada, les activités industrielles et urbaines se sont développées avec un rythme plus grand que celui de l'agriculture et même à ses dépens, provoquant ainsi l'extension des villes et l'augmentation de la population urbaine. L'agriculture a souffert, par conséquent, une régression en relation à ces activités économiques, quoiqu'elle aie, dans le sens absolu, conquis des aires peu exploitées, comme le Nord de la rivière Paraíba.

On rencontre, dans le secteur agricole, une plus grande quantité d'éléments qui appartiennent aux anciennes structures économiques tels que: 1 — la prédominance de la grande propriété, presque toujours, peu exploitée; 2 — le travail encore soumis au régime de "meação" (partage) et de "colonato" (colons) ainsi que l'emploi du système agricole rotatif, en employant des terres après le brûlement des forêts; 3 — les *fazendeiros* (propriétaires des fazendas) exercent encore la fonction d'intermédiaires entre les agriculteurs et les commerçants ce qui provoque un enchérissement de la production. Beaucoup de propriétaires, en vertu de l'industrialisation, se sont intéressés d'avantage à l'exploitation du bois et du charbon, ainsi qu'à la vente du sable et de l'argile pour les constructions, en laissant les cultures dans un plan secondaire. Une autre cause du roulement de l'agriculture a été l'augmentation du partage des terres en lots, comme une conséquence de la croissance des villes.

Le grand contraste entre les villes et la campagne, où la structure économique et sociale est plus archaïque, impressionne et c'est cette structure agraire qui constitue la cause des graves problèmes de la vie de la Baixada Fluminense.

RESUMEN

La finalidad del trabajo es presentar observaciones sobre un determinado número de aspectos de la formación de los paisajes actuales de la Baixada Fluminense.

Verificase que estos paisajes se ven formando al través de un proceso de redistribución geográfica de las actividades humanas relacionado con los fenómenos económicos de concentración capitalista, de industrialización y de urbanización.

La redistribución geográfica significa que los diversos productos y las diversas actividades económicas se fueran concentrando en determinadas áreas de la región y abandonando otras. Por ejemplo: 1. la producción azucarera, después de haber extendido por casi toda la región y de haber sido la principal economía de la zona de la Guanabara, se fue localizar en la zona de Campos; 2. la vida urbana extendióse principalmente al rededor de la bahía de Guanabara; 3. la fruticultura concentróse, principalmente, al rededor de las áreas urbanizadas de la Guanabara, etc.

La redistribución geográfica continúa procesándose-se. Actualmente, pueden ser observados la divisa de la tierra para venta loteamiento y la urbanización de las áreas antes ocupadas por pomares y desllocamiento de la fruticultura para nuevos trechos.

Con esta tendencia de concentración, áreas rurales que, antes, fueran más prósperas, preséntanse, hoy, con labranzas menos desarrolladas y diversas ciudades, importantes en tiempos pasados, cambianse, hoy, decadentes. Pero, conjuntamente, el progreso desarrollóse en todos los sectores de la economía, pues: 1. los principales productos agrícolas antiguos son hoy suministrados en mayor cantidad, y muchos otros fueran introducidos en escala comercial, como, por ejemplo, las frutas; 2. la Baixada cambióse en centro de uno de los principales parques industriales del país, produciendo no sólo las mercaderías tradicionales, como el azúcar, y los artefactos de barro, una gran variedad de productos de industrias modernas como el cemento, los textiles, productos metalúrgicos, químicos, etc.

Este aumento de la producción se debe al facto de que esta concentración geográfica y económica sólo es posible con la modernización de los métodos de producir y con la modernización de los transportes. Por ejemplo, en el caso del azúcar pasóse de la fabricación del ingenio para la de usina.

En la evolución actual de la Baixada, las actividades industriales y urbanas fuéranse desarrollando en mayor intensidad que no lo fuera la agricultura. De ahí, el gran crecimiento de las ciudades y el aumento de la población urbana. Así, relativamente a estas actividades económicas, la agricultura hubo una regresión, aunque en sentido absoluto, hubiera progresado, conquistando nuevas áreas poco exploradas, como al norte del río Paraíba.

En el sector agrícola, hay mayor cantidad de elementos de las antiguas estructuras económicas: 1. predomina la gran propiedad, generalmente poco explotada; 2. trabajo de "meação" y "colonato" es muy difundido bien como el sistema agrícola de rotación de tierras con quemas; 3. los hacendados tienen aún la función de intermediarios, entre los trabajadores y los comerciantes, haciendo así encarecer la producción. Debido a la industrialización, muchos propietarios se interesan por la explotación de la leña y del carbón y también de la arena y de la arcilla para las construcciones, mirando las labranzas con menos interés. Otra causa de perjuicio para la labranza fué la progresión del fenómeno de loteamiento relacionado al crecimiento de las ciudades. Es notorio el gran contraste entre las ciudades y el campo donde la estructura económica-social es más antigua, y esta estructura agraria es importante causa de los varios problemas graves de la vida de la Baixada Fluminense.

SUMMARY

This study aims to present observations about certain number of aspects of the formation of the present landscapes of the "Baixada Fluminense".

It can be seen that the actual landscapes of the "Baixada Fluminense" are being formed through the process of geographical redistribution of human activities, related with the economical phenomenons of the capitalist concentration of industrialization and urbanization.

The geographical redistribution means that the various products and the various economical activities were concentrating in certain areas of the region, leaving other areas. For instance: 1. sugar production, having often spread over almost the whole region and being the main economy of the Guanabara area, was localized at the Campos area; 2. urban life expanded mainly around the Guanabara bay; 3. orchards were concentrated mainly around the urbanized areas of the Guanabara, etc.

The geographical redistribution continues to take place. At present one can notice the division and urbanization of areas which before were used for orchards and also the transposition of orchards to new places.

With this tendency of concentration, rural areas which before were more prosperous, today have farms less developed and several towns which were important became decadent. However, as a whole, progress was made in every economical section for: 1. the main old agricultural products are today supplied in bigger quantities and several others were introduced in a commercial scale, as fruit for instance; 2. the "Baixada" became a center of one of the main industrial parks of the country, producing beside the traditional merchandise like sugar and clay products, a great variety of modern industry like cement, textiles, metalurgic products, chemicals, etc.

This increase in production is due to the fact that this geographical and economical concentration is only possible with the modernization of transportation and of methods of production. For instance, the case of sugar fabrication was transferred from sugar mill to refinery.

In the recent evolution of the "Baixada", the industrial and urban activities were developed in a greater scale than that of agriculture and even at the expense of it, the result being a greater growth of cities and an increase of urban population. Thus, in relation to these economical activities, agriculture went backwards, even though in an absolute sense it progressed, gaining new little explored areas as at north of the Paraíba river.

In the agricultural section, there are a greater number of elements of the ancient economical structures; 1. the large farm predominates being generally little exploited; 2. "meção" and "colnato" work is largely spread as well as the agricultural system of soil rotation with burnings; 3. the farmers still have the function of intermediaries between the great working mass and the merchants, this way increasing the cost of production. Due to industrialization, several owners are interested in the exploitation of wood and coal and also of sand and argil for construction, being less interested in farming. Another cause for damage to agriculture was the rapid suburban development of the cities.

The great contrast between cities and country where the social-economic structure is more ancient is obvious, and this agrarian structure is an important cause for the several serious problems in the life of the "Baixada Fluminense".

ZUSAMMENFASSUNG

Die Vorstellung einiger Beobachtungen über die Bildung der heutzutageigen Landschaften der *Baixada Fluminense* ist das Hauptziel der vorliegenden Abhandlung.

Man stellt fest das die Landschaften der *Baixada Fluminense* sich durch ein geographisches Neuverteilungsprozess der menschlichen Betätigung, verbunden mit wirtschaftlichen Erscheinungen der kapitalistischen Konzentration der Industrialisierung und Urbanization, sich entwickeln.

Die geographische Neuverteilung bedeutet dass die verschiedenen Produkte und die verschiedenen wirtschaftlichen Betriebe sich in bestimmte Gebiete konzentrieren in dem sie aber auch gleichzeitig wieder andere Gebiete verlassen. Zum Beispiel: 1 — Die Zuckerproduktion, die früher sich über das ganze Gebiet zerstreut hatte und die Hauptwirtschaft der gesamten *Guanabara*-Zone darstellte, hat sich heute in der *Campos*-Zone zurückgezogen; 2 — Das urbane Leben hat sich hauptsächlich am Rand der *Guanabara* Bucht ausgedehnt; 3 — Der Obstbau hat sich hauptsächlich im Umkreiss der urbanischen Flächen festgelegt, usw.

Die geographische Neuverteilung tritt sich weiter aus und heute beobachtet man die Landvermessung und Urbanisierung von Flächen die früher mit Obstgärten versehen waren und die Verschiebung dieser in Richtung neuer Landteile.

Mit dieser Tendenz der Konzentration zeigen sich rurale Gebiete die früher Wohlhabend waren heutzutage mit einer weniger entwickelten Landwirtschaft und verschiedene Städte die früher eine wichtige Rolle spielten stehen heute im Verfall. Im ganzen angenommen hat sich aber in allen Abteilungen der Wirtschaft einen Entwicklung ausgeübt, da: 1 — Die wichtigsten schon früher bestehenden wirtschaftlichen Produkte heutzutage in grösseren Mengen erzeugt werden, ausserdem von vielen anderen die in Handelsartige Ambauweise später erzeugt wurden, wie z.B. der Obstbau; 2 — Die *Baixada* hat sich als eins der wichtigsten Industriegebiete des Landes entwickelt und erzeugt nun, ausser den traditionellen Waren wie Zucker und Tonwaren, noch eine ganze Reihe von modernen Industrieprodukten wie Zement, Textilwaren, metalurgische Produkte, chemische Waren, usw.

Dieser Zuwachs der Produktion ist auf die Tatsache zurückzuführen dass diese geographische Konzentration nur durch die Modernisierung der Produktionsmethoden und der Transportverhältnisse möglich ist. Zum Beispiel, im Fall des Zuckers verursachte sich der Übergang von der Zuckermühle zur Zuckerfabrik.

In der neuzeitlichen Evolution der *Baixada* haben sich die industrielle und urbane Betätigungen ganz deutlicher und selbst in Nachteil der landwirtschaftlichen entwickelt und das Wahrzeichen davon ist der grosse Aufwuchs der Städte und der Aufstieg der Stadtbewohnerschaft. In dieser Hinsicht also, verglichen mit den anderen wirtschaftlichen Betätigungen, hat die Landwirtschaft einen Rückgang erlitten, obwohl in absoluten Sinn sie sich entwickelt hat und neue noch wenig ausgenutzte Gebiete, wie nördlich des Paraíba eroberte.

Was der Landwirtschaft anbetrifft besteht die grösste Menge von verwahrten Elemente der vergangenen Wirtschaftssysteme: 1 — Das grosse in allgemeinen wenig benutzte Landgut ist noch vorwiegend; 2 — Die Halbbauerei und Kolonnenarbeit ist sehr verbreitet wie auch das Landwechselsystem mit Waldbrände; 3 — Die Grossguthesitzer spielen immer noch die Rolle von Zwischenhändler der grossen Arbeitersmasse und den Käufern, was zur Verteuerung der Erzeugnisse beiträgt. In Ursache der starken Industrialisierung haben sich auch viele Besitzer zur Brennholz und Holzkohlezugung oder zur Sand und Tonerdextraktion für die neue Bauaktivitäten zugewendet, und dadurch die Landwirtschaft hinterlassen. Eine andere Ursache des Rückgangs der Landwirtschaft war die Ausdehnung der urbanistischen Landvermessung die mit der flächenhaften Ausdehnung der Stadtbezirke verbunden ist.

Der grosse Kontrast zwischen den Städten und das Feld, wo die sozial-wirtschaftliche Struktur arkaischer ist, erscheint offenbar und diese Agrarstruktur ist eine wichtige Ursache von sehr ernsten Problemen der *Baixada Fluminense*.

RESUMO

La verkaje celas prezenti observadojn pri certa nombro da aspektoj de la formado de la nunaj pejzaĝoj de la *Baixada Fluminense* (ebenaĵo de ŝtato Rio de Janeiro).

Oni konstatas, ke la nunaj pejzaĝoj de la *Baixada Fluminense* estas formiĝantaj per procezo de geografia redistribuo de la homaj aktivecoj, interrilatanta kun la ekonomiaj fenomenoj de kapitalista koncentriĝo, de industriĝo kaj de urbemigo.

La geografia redistribue signifas, ke la diversaj produktoj kaj la diversaj ekonomiaj aktivecoj estas koincentrigintaj en certajn areojn de la regione kaj forlasintaj aliajn. Ekzemple: 1 — la sukerproduktado, iam etendiĝinta tra preskaŭ la tuta regione kaj estinta la ĉefa ekonomio de la zono de Guanabara, nun lokigas en la zono de Campos; 2 — la urba vivo disvastiĝis precipe ĉirkaŭ la golfejo Guanabara; 3 — la fruktokulture koncentriĝis precipe ĉirkaŭ la urbigitaj areoj de Guanabara, k.t.p.

La geografia redistribuo plu efektiviĝas, kaj oni observas nun la parceladon kaj la urbigon de areoj, antaŭe ekupitaj per fruktarbejoj, kaj la translokiĝon de la fruktokulture al novaj pecoj.

Kun tiu tendence al koncentriĝo kamparaj areoj, kiuj antaŭe estis pli prosperaj, sin prezentas hodiaŭ kun malpli elvolviĝintaj plantkulturoj, kaj diversaj urboj, iam gravaj, fariĝis hodiaŭ decadencaj. Tamen, en la tuto, la progreso disvastiĝis en ĉiuj fakoj de la ekonomio, ĉar: 1 — la ĉefaj antikvaj produktoj terkulturaj estas hodiaŭ liverataj en pli granda kvanto, kaj krom tio, multaj aliaj estis enkondukitaj en komerca skalo, de la lando, produktante krom la tradiciaj varoj, kiel la sukero kaj la argilaĵoj, grandan divercecon da produktoj de moderna industrioj, kiel la cemento, la teksaĵoj, metalurgiaj, ĉefiaj produktoj, k.t.p.

Tiu pliĝandiĝo de la produktado ŝuldiĝas al tio, ke tiu geografia kaj ekonomia koncentriĝo estas nur etla kun la modernigo de la metodoj de produktado kaj kun la modernigo de la transportoj. Ekzemple, en la okazo de la sukero oni pasis de la primitiva fabriketo al la moderna fabrikego.

En la freŝdata evoluo de la ebenaĵo la industria kaj la urbaj aktivecoj elvolviĝadis laŭ ritmo pli granda el tiu de la terkulturo, kaj eĉ per ties malprofito: de tio rezultis la granda kreskado de la urboj kaj la pliĝandiĝo de la urba loĝantaro. Tiel, rilate al tiuj ekonomiaj aktivecoj la terkulturo havis neprogreson, kvankam en absoluta senco ĝi progresis konkerante novajn areojn malmulte ekspluatatajn, kiel norde de la rivero Paraíba.

En la terkultura fako ekzistas pli granda kvanto da elementoj de la malnovaj ekonomiaj strukturoj: 1 — regas la granda propreco, ĝenerale malmulte ekspluatata; 2 — la dupartiga laboro kaj la laboro de nedungita terkulturisto estas tre disvastigitaj, same kiel la terkultura sistemo de alterna sinsekvado de teroj kun truladoj; 3 — la famlistoj ankoraŭ havas la funkcion de perantoj inter granda laborista amaso kaj la komercistoj, tiel plikarigante la produktadon. Pro la industriĝo multaj propruloj ekinteresiĝis pri la ekspluatado de la brulligno kaj de la karto kaj ankau de la saklo kaj de la argilo por la konstruaĵoj, rigardante kun malpli da intereso al la plantkulturo. Alia kaŭzo de malprofito por la plantkulturo estis la kresko de la fenomeno de la parcelado rilatanta kun la pliĝandiĝo de la urboj.

La granda kontrasto inter la urboj kaj la kamparo, kie la ekonomia-socia strukturo estas pli arkaika, estas tre konata, kaj tiu kampara strukturo estas grava kaŭzo de la diversaj seriozaj problemoj de la vivo en la *Baixada Fluminense*.